



# A Santa Sé

---

## **PALAVRAS DO PAPA JOÃO PAULO II** **NO FINAL DA VIA-SACRA**

*4 de Abril de 1980*

1. Vai a caminho do fim este dia de Sexta-feira Santa do Ano do Senhor de 1980. E terminamos este dia, seguindo uma tradição instaurada de há alguns anos para cá, junto do Coliseu. Aqui, neste lugar precisamente, onde nos tempos do antigo império romano os cristãos *morreram pela fé na Cruz*, foi depois erguida a cruz em testemunho daquilo que *é passado e daquilo que perdura*.

Neste local, tão eloquente, quase sobre as pegadas dos Mártires, nós acompanhámos Cristo que levou a Cruz pela sua Via de Jerusalém, desde o Pretório de Pilatos até ao Gólgota.

E aqui a Igreja Romana está a acabar a hodierna Sexta-Feira Santa.

2. *A Cruz é um sinal visível da rejeição de Deus por parte do homem*. O Deus vivo veio ao meio do Seu Povo mediante Jesus Cristo, Seu Eterno Filho, que se tornou homem: filho de Maria de Nazaré.

Mas «os seus não o receberam» (*Jo. 1, 11*).

Eles julgaram que devia morrer como um sedutor do povo. E assim, diante do Pretório de Pilatos, lançaram o grito injurioso: «Crucifica-o, crucifica-o!» (*Jo. 19, 5*).

A Cruz tornou-se o sinal da rejeição do Filho de Deus por parte do Povo de Deus, o sinal da rejeição de Deus por parte do mundo. Mas, ao mesmo tempo, a mesma cruz *tornou-se o sinal da aceitação de Deus*, também, *por parte do homem*, por parte de todo o Povo escolhido, por parte do mundo.

Quem quer que seja que acolha Deus em Cristo, acolhe-O mediante a Cruz. E quem acolheu Deus em Cristo, exprime isso mesmo mediante esse sinal: quem O aceitou, efectivamente, benze-se com o sinal da Cruz sobre a fronte, sobre os ombros e sobre o peito, para manifestar e para professar que na Cruz se encontra de novo totalmente a si mesmo, alma e corpo, e que com este sinal abraça e aperta ao peito Cristo e o seu reino.

3. Quando Cristo se apresentou aos olhos da multidão, no centro do Pretório romano, Pilatos, apontando para Ele, disse: «Aqui está o homem» (Jo. 19, 5). E a multidão respondeu: «crucifica-o!».

A Cruz tornou-se *o sinal da rejeição do homem em Cristo*. Caminham a par e passo, na verdade, a rejeição de Deus e a rejeição do homem. Ao gritar «crucifica-o!», a multidão de Jerusalém pronunciou a sentença de morte contra toda aquela verdade sobre o homem, que nos foi revelada por Cristo, Filho de Deus.

Foi rejeitada, portanto, a verdade quanto à origem do homem e quanto ao fim da sua peregrinação sobre a terra; foi rejeitada a verdade sobre o amor, que tanto nobilita e une entre si os homens, e sobre a misericórdia que faz levantar-se mesmo após as maiores quedas.

E então, eis que aqui, neste lugar onde — segundo uma tradição — os homens, por causa de Cristo, eram ultrajados e condenados à morte — aqui no Coliseu — já há muito tempo foi colocada a cruz *como sinal da dignidade do homem*, salvo pela Cruz; como sinal da verdade sobre a origem divina e sobre o fim da peregrinação do homem; como sinal, ainda, do amor e da misericórdia que ergue da queda e, todas as vezes que isso sucede, renova, num certo sentido, o, mundo.

4. Eis-nos diante da Cruz: eis o madeiro da Cruz («Ecce lignum Crucis»). Ela é o sinal da rejeição de Deus e o sinal da Sua aceitação; e é o sinal do vilipêndio do homem e o sinal da sua elevação.

O sinal da vitória! Sim, Cristo havia dito: «Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a Mim» (Jo. 12, 32).

5. Nós congregámo-nos aqui, ao cair da noite de Sexta-Feira Santa, junto destas ruínas do Coliseu romano, que foi teatro da rejeição de Deus e do vilipêndio do homem, mediante a cruz. No entanto, eis que ele se tornou o símbolo da aceitação de Deus em Cristo crucificado e da maior dignidade do homem.

Vimos até aqui nós, os filhos deste século, que novamente se tornou teatro, de uma tal *rejeição de Deus por parte do homem*, como talvez raramente tenha sucedido na história. O nosso tempo tornou-se teatro da ofensa e c) a opressão do homem de tantas e tão variadas maneiras!

E viemos até aqui e os nossos pensamentos detêm-se na Cruz, cujo mistério permanece e *cuja realidade se repete* em circunstâncias sempre novas, no meio dos sinais dos tempos, sempre novos.

Esta rejeição de Deus por parte do homem e por parte dos sistemas que despojam o homem daquela dignidade que ele possui, proveniente de Deus, em Cristo, que despojam o homem daquele amor que somente o Espírito de Deus pode difundir nos nossos corações, uma tal rejeição — repito *será contrabalançada pela aceitação*, íntima e fervorosa, de Deus que nos falou na Cruz de Cristo? Será uma tal rejeição contrabalançada pela *aceitação do homem*, com aquela dignidade e com aquele amor cujos inícios estão na Cruz?

Esta é a *pergunta principal* que brota do coração do homem que, na Sexta-Feira Santa, se acha recolhido ao lado da Cruz junto do Coliseu e segue as pegadas da Via-Sacra de Cristo.

6. No entanto, a Via-Sacra de Cristo e a sua Cruz não são somente uma pergunta: elas são uma aspiração, e uma aspiração perseverante e inflexível, e a um tempo um brado, *um grande grito dos corações*.

## Oração

*Exclamemos, pois, e oremos com Cristo:*

«Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem» (Lc. 23, 34).

«Meu Deus, porque me abandonaste?» (Mt. 27, 46).

«Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito» (Lc. 23, 46).

Exclamemos e oremos,

deixando ecoar em nós aquelas palavras de Cristo:

*Pai, acolhei-nos a todos na Cruz de Cristo;*

acolhei a Igreja e a humanidade, a Igreja e o mundo!

Pai, acolhei aqueles que aceitam a Cruz;

acolhei aqueles que não a entendem e aqueles que fogem dela;

acolhei aqueles que a não aceitam

e aqueles que a combatem com a intenção de suprimir

e de desarreigar este sinal da terra dos vivos.

Pai, acolhei-nos a todos na Cruz do vosso Filho!

Acolhei *cada um de nós* na Cruz de Cristo!

E, sem reparar em tudo aquilo que se passa no coração do homem,  
e sem reparar nos frutos das suas obras  
e dos acontecimentos do mundo contemporâneo,  
aceitai o homem!

Que a Cruz do vosso Filho  
permaneça o sinal do acolhimento do filho pródigo por Vossa parte, ó Pai:

Que ela continue a ser o sinal da Aliança nova e eterna!

© Copyright 1980 - Libreria Editrice Vaticana

---

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana